

A identidade da criança haitiana na agenda midiática do *The Weather Channel*¹

Francielli Cristina CAMPIOLO²
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Neste estudo, relaciona-se o discurso televisivo de um caso específico com os valores-notícia e a formação de identidades. Parte-se do pressuposto de que a mídia, em especial a televisão, mantém proximidade com o contexto histórico, fortalecendo ou quebrando estereótipos, conforme a maneira com a qual trata os sujeitos de um acontecimento. Assim, contribui para a formação de sentido e tem papel relevante na formação de identidades. O avanço dos media, em tempos de globalização, reduz ou mesmo torna inexistente os limites espaço-temporais e, por vezes, contribui para a construção de representações que não condizem exatamente com o real. Partindo deste entendimento, o objetivo do trabalho é despertar uma reflexão crítica a respeito da cobertura das minorias, focando-se nas informações veiculadas pelo canal *The Weather Channel* sobre as crianças haitianas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; identidade; identidade nacional; infância; Haiti.

1 Introdução

Desde a primeira tese sobre jornalismo intitulada “De relationibus novellis”, de Tobias Peucer, em 1690, os valores-notícia têm variado pouco. Naquela época, na Universidade de Leipzig (Alemanha), Peucer já falava em alguns dos seus 29 parágrafos que o extraordinário, o insólito, o atual, a calamidade e a morte estavam entre os requisitos para um fato ter lugar garantido nas páginas dos jornais. A justificativa de Peucer para haver critérios de seleção é que os acontecimentos eram praticamente infinitos e, por isso, seria preciso priorizar o que realmente merecia vir a público.

São desta natureza, em primeiro lugar, os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza ou da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes que nunca neste século. Depois, as diferentes formas dos impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Posjor/UFSC) – (e-mail: franciellcampiolo@gmail.com).

cargos políticos, os dignatários, os nascimentos e mortes dos príncipes, as sucessões em um reino, as inaugurações e cerimônias públicas que parecem se instituir novamente ou que parecem mudar ou que são abolidas, o óbito de varões ilustres, o fim de pessoas ímpias, e outras coisas (PEUCER, 2004, p. 20).

Se no século XVII Peucer apresentava as primeiras investigações a respeito de como os fazedores de notícia identificavam um fato publicável, nos dias atuais aprende-se logo nas primeiras aulas de jornalismo as noções do que se caracteriza como notícia. Dessa forma, por consenso, uma catástrofe raramente passará despercebida pela chamada grande mídia. Portanto, o furacão Matthew, que atingiu o Haiti no início de outubro de 2016, cumpriu em grande parte as condições para entrar na agenda jornalística a nível mundial.

Tratava-se de uma situação atípica, um desastre natural que alastrou o país mais pobre das Américas³. Os ventos fortes chegaram a 230 km/h e atravessaram a península sudoeste da Ilha de Hispaniola, deixando milhares de casas destruídas, cidades inundadas e quase 900 mortos. A partir desse acontecimento, a televisão, os jornais, as revistas e a internet passaram a publicar cenas de impacto, de resgates e até mesmo de pessoas competindo por comida. Assim, o público se impressionou com o caos do povo haitiano. Dentre tantas informações veiculadas, um caso específico sobressaiu-se pela forma pejorativa através da qual a meteorologista e âncora do *The Weather Channel*, Jennifer Delgado, referiu-se às crianças atingidas. Essa é a razão pela qual esse caso foi escolhido como objeto de discussão deste trabalho.

Faz-se referência ao dia 3 de outubro de 2016, quando Delgado proferiu comentários desrespeitosos sobre crianças haitianas ao tentar erroneamente explicar o motivo pelo qual o Haiti é uma região vulnerável aos desastres naturais. Em transmissão ao vivo, ela disse que as crianças têm tanta fome a ponto de comerem árvores e provocarem o desmatamento no país. Diante disso, são pertinentes os questionamentos: em quais situações as crianças entram na mídia internacional? Como a mídia contribui para reforçar os estereótipos de crianças negras, pobres e haitianas? Quais cuidados os jornalistas devem ter-se ao colocar a infância em suas pautas?

Para tanto, recorre-se a Traquina (2013) para discorrer sobre os valores-notícia e a Muleiro (2006) para falar sobre o tratamento dado pela mídia a crianças, adolescentes e mulheres provenientes de países da América Latina como Argentina, Brasil, Uruguai e

³ Dado do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD: <http://www.ht.undp.org/>

México. Estende-se o pensamento de Muleiro ao Haiti, pois se verificam semelhanças entre as minorias culturais e sociais desses países.

Em relação à formação da identidade, utiliza-se o pensamento de subclasse de Bauman (2005), referindo-se a um grupo heterogêneo que teve a vida social reduzida à animal. São os refugiados, mendigos, viciados em drogas, de baixa escolaridade e, nesta pesquisa, inclui-se também as crianças haitianas. De Hall (2006), objetiva-se explicar a propósito da cultura nacional e o seu funcionamento como um sistema de representação e identificação, que se consolida também por meio da narrativa contada pela literatura, história, mídia e cultura popular.

Com fundamento nesse referencial teórico, é possível promover uma reflexão crítica da cobertura midiática da infância em tempos atuais, a partir de um evento recente específico. Consequentemente, pode-se visualizar se há participação da grande mídia globalizada na propagação de uma ideologia homogeneizadora excludente.

2 A regularidade da agenda midiática

Há uma série de escolhas feitas pelo jornalista e empresa no momento de definir o que é ou não notícia e se vale a pena publicá-la (MULEIRO, 2006). Essas escolhas têm início na discussão de pauta e se prolongam até o momento de definir qual o espaço que a notícia ocupará no veículo de comunicação, deixando para trás a utopia da neutralidade. A agenda midiática hierarquiza os acontecimentos dando a eles maior ou menor relevância. É assim que se determina qual e como o conhecimento chegará até as pessoas através dos noticiários.

Muleiro (2006) afirma que no momento de falar de um fato, os meios de comunicação têm um menu de opções quase ilimitado para considerar, elaborado a partir das respostas para as seguintes questões: qual a função ou finalidade do fato? Qual a construção adequada para se chegar a ele? Qual a construção que o leitor faz a respeito do que recebe? Além disso, o autor afirma que a seleção de dados e preferências na elaboração da notícia são expressões não somente do repórter, mas também da empresa para a qual trabalha. Ou seja, as práticas editoriais de cada meio de comunicação direcionam o assunto e o sujeito que merece espaço principal e as decisões são mais frequentemente a favor do poder do que do interesse público.

Los factores que determinan ese proceso de selección, que merecieron y merecen estudios permanentes y renovados en tanto se modifican a buen ritmo, son mencionados asiduamente con el objeto de intentar verificar cómo queda conformada la agenda informativa, quién entra a

ella y se lleva la mejor parte, quién entra esporádicamente y quién tiene rara vez esa suerte (MULEIRO, 2006, p.11).

Em concordância com o pensamento de Muleiro (2006), recorre-se ao conceito de comunidade interpretativa transnacional de Traquina (2013), para reafirmar que as noções de tempo, agendamento e do que é notícia são universais. O termo comunidade interpretativa é de Barbie Zelizer e é tratado como tribo por Traquina, por significar um pensamento de grupo. “As notícias apresentam um “padrão” geral bastante estável e previsível” (TRAQUINA, 2013, p.63). Assim sendo, a rotina de seleção de acontecimentos é comum a todas as redações do mundo.

Traquina (2013) segue a visão de Mauro Wolf para dizer que os valores-notícia se dividem em valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. A primeira categoria se subdivide em critérios substantivos e critérios contextuais. Os substantivos consideram a importância ou interesse – morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo (atualidade), notabilidade (quantidade de pessoas atingidas), inesperado, conflito, infração, escândalo. Enquanto que os contextuais dizem respeito ao contexto de produção da notícia – disponibilidade para fazer a cobertura, equilíbrio (quantidade de notícias já dadas sobre o assunto), visualidade (rende foto? Rende vídeo?), concorrência (furo), dia noticioso (aqueles que têm bastante acontecimentos).

Na sequência, os valores-notícia de construção são a simplificação (quanto menos ambígua e complexa, mais é compreendida), amplificação (mais pessoas são afetadas), relevância, personalização (as pessoas se interessam pelas outras), dramatização, consonância com outras notícias. Dessa forma, é possível analisar mais à frente, quais critérios são percebidos na veiculação de informações pelo *The Weather Channel*, no dia 3 de outubro de 2016.

Quanto às minorias, também focadas neste estudo, Muleiro (2006) fala que além das crianças, os adolescentes e as mulheres são mantidos à margem da agenda midiática por não serem tratados como sujeitos autônomos na sociedade em geral. O jornalismo, então, compactua com o que está em vigor socialmente.

A no aceptación de niñas, niños y adolescentes como personas plenas, con derechos plenos y actuales, por parte de la comunidad, se refleja también en un tratamiento periodístico en el que ese segmento social recibe sólo espacios complementares, secundarios y ocasionales, contaminados además con otros cuerpos de ideas igualmente preocupantes y por cierto arcaicas (MULEIRO, 2006, p.78).

Para Muleiro (2006), os cursos de especializações para jornalistas, independente da área (economia, cultura, esporte), não orientam os estudantes para uma boa prática na abordagem de temas referentes à infância e adolescência. A maioria dos meios de comunicação da América Latina e Caribe carece de espaços destinados à infância, em que meninos e meninas sejam os receptores diretos. Eles também não são tratados como fontes, uma vez que nas reportagens são ouvidos especialistas, psicólogos, professores, pais e não crianças e adolescentes.

Apropriando-se dos exemplos expostos por Muleiro (2006), nota-se, portanto, que as escolhas de nomenclatura, substantivos e adjetivos vêm carregadas de simbologias e representações. Não é comum ouvir/ler a palavra “menor” para designar uma criança ou adolescente branco. Em contrapartida, tornou-se sinônimo de infrator ou de quem está em situação de vulnerabilidade social. Em geral, uma criança branca aparece na mídia quando é prodígio e uma negra, quando é vítima de situações de pobreza ou está em conflito com a lei. Neste caso, a criança é tratada como uma ameaça e, naquele, como uma aposta de futuro. Em ambos, elas não são consideradas como alguém que tem necessidades, desejos e potencialidades no tempo presente.

3 A construção da identidade

Para uma breve abordagem a respeito da construção da identidade nos tempos atuais, recorre-se às reflexões de Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2005). Ambos acreditam que a identidade de uma pessoa ou grupo está em constante transformação e não é possível mantê-la única durante toda a vida, pois é uma questão histórica e não biológica. Os conceitos aqui apresentados também possibilitam compreender como a sociedade globalizada contribui para a difusão de uma identidade nacional imaginária aos que só sabem da existência de um povo por meio dos aparatos tecnológicos, como a televisão.

De acordo com Bauman (2005), a identidade é socialmente necessária, pois é a passagem da dimensão individual para sua codificação como convenção social. O conceito tornou-se um dos pilares para o entendimento da natureza em transformação da vida social na era da “modernidade líquida” (em alusão à falta de forma dos fluidos, que se deformam sob qualquer pressão).

Pode-se dizer, então, que as identidades são moldáveis a partir de interferências externas. Nesse ponto, cabe acrescentar o pensamento de Stuart Hall (2006) quem

defende que as identidades modernas estão sendo “descentradas” (fragmentadas, deslocadas) e esse deslocamento ocorre de duas formas: a descentração do sujeito do seu lugar social e cultural; e a descentração do próprio sujeito (perda de si). A consequência é a crise de identidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

O conceito de identidade fragmentada de Hall refere-se ao sujeito pós-moderno, à noção mais atual vista pelas Ciências Sociais. Antes disso, primaram duas outras noções, sendo a primeira relacionada ao sujeito do Iluminismo e a segunda voltada ao sujeito sociológico. Em uma explicação simplificada, no Iluminismo as identidades eram unificadas e coerentes, os processos estavam centrados no sujeito que era o centro da razão. Conforme a sociedade foi se tornando mais complexa e moderna, a ideia de identidade também se tornou mais coletiva/interativa e social. Já não se pensava mais que a identidade apenas se construía no universo pessoal, mas em um diálogo com as diversas identidades que o mundo oferece.

Na modernidade tardia (segunda metade do século XX), começou-se a falar sobre um sujeito isolado, exilado ou alienado, a vida anônima e sem rosto. O sujeito tornou-se fragmentado e passou a ser composto de várias identidades, por vezes, contraditórias por causa de mudanças estruturais e institucionais.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 13).

Os autores dizem que a globalização interfere diretamente no conceito de identidade cultural e desencadeia a pluralização, colocando as pessoas diante do “jogo de identidades”. O jogo ocorre porque as identidades, contraditórias ou não, se cruzam para dar conta de representar um grupo ou uma pessoa. E mais, a identificação não se dá

automaticamente, isto é, depende da forma como o sujeito é abordado ou representado (HALL, 2006).

Enquanto Hall fala do sujeito anônimo cuja identidade está fragmentada, Bauman diz que existem aqueles que fazem parte da subclasse. O termo compreende todas as pessoas que estão fora do lugar em que as identidades podem ser reivindicadas e respeitadas. É um grupo heterogêneo que teve a vida social reduzida à animal. São os refugiados, mendigos, viciados em drogas, de baixa escolaridade, entre outros. Esse conceito é bastante interessante para a discussão aqui proposta, pois além da crise de identidade que assola o sujeito pós-moderno, a globalização ainda coloca as minorias em um patamar de exclusão identitária.

3.1 Identidade nacional

Segue-se agora ao posicionamento do sujeito pós-moderno no que tange a sua identidade nacional. Hall (2006) afirma que as culturas nacionais são conceituações modernas e consideradas uma das principais fontes da identidade. É um sistema de representação, por isso, ao se definirem, as pessoas se dizem brasileiras, argentinas, haitianas. Pensa-se nisso como parte fundamental da essência do cidadão. Contudo, é preciso pensar que as pessoas não são apenas cidadãs de uma nação, mas da ideia de nação representada em sua cultura nacional.

O argumento que estarei considerando aqui é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa (HALL, 2006, p. 48-49).

Hall cita a expressão “comunidade imaginada”, de Benedict Anderson, para explicar que as identidades nacionais modernas se constituem de inúmeras identificações que um grupo compartilha. Essas identificações ocorrem, principalmente, a partir de cinco elementos: da narrativa contada pela literatura, história, mídia e cultura popular; ênfase nas origens – caráter imutável desde o nascimento da nação; tradição inventada, que de tantas vezes repetida parece proveniente de um passado adequado, mas é recente ou até mesmo invenção; mito fundacional, quando inventa-se uma

história antes da origem da nação para os povos desprivilegiados e a narrativa se perde no passado; e a ideia de um povo puro/original.

Hall questiona se há uma unificação cultural na identidade nacional. Há dúvidas, já que para formar o que se chama de identidade da nação, muitas culturas foram sobrepostas a outras através do poder dos colonizadores. Assim, sabe-se que as nações são formadas por diferentes classes sociais, gênero e etnias. Outros fatores que interferem na representação da identidade são o tempo e o espaço, que são simbólicos.

Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais? Uma de suas características principais é a "compressão espaço-tempo", a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância (HALL, 2006, p. 69).

Em tempos de globalização, sente-se que o mundo é menor e as distâncias mais curtas. Isso é possível pelas telecomunicações, que ao transmitirem um evento de um determinado lugar causa impacto imediato em lugares geograficamente distantes. O passado, presente e futuro também ganham novas proporções fazendo as pessoas terem que lidar com uma aproximação de mundos. (...) o tempo e o espaço são também coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*” (HALL, 2006, p.70).

Enquanto que nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram definidos pela presença física, a modernidade reforça as relações entre ausências face a face. Desse modo, Hall afirma que todo meio de representação (fotografia, escrita, pintura, etc) deve traduzir o objeto de forma espaço-temporal, pois resulta em efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.

Baseado em informações do autor, há três consequências da globalização nas identidades: efeito pluralizante, fortalecimento de identidades locais e produção de novas identidades. Para esta pesquisa, cabe ressaltar a terceira que diz que uma das formas da cultura dominante moderna – branca – tratar as novas identidades é unificando-as:

Um bom exemplo é o das novas identidades que emergiram nos anos 70, agrupados ao redor do significado black, o qual, no contexto britânico, fornece um novo foco de identificação tanto para as comunidades afrocaribenhas quanto para as asiáticas. O que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade black, não é que elas sejam, cultural, étnica, lingüística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são

vistas e tratadas como “a mesma coisa” (isto é, não-brancas, como o “outro”) pela cultura dominante (HALL, 2006, p.86).

Ao ir ao encontro da conclusão de Hall a respeito dos efeitos da globalização nas transformações e deslocamentos das identidades, verifica-se que há forte influência da mídia na difusão da identidade nacional. A noção que se faz de um povo também se dá a partir de como a mídia os consideram e transmite ao público. É esse um dos pontos que serão analisados na sequência.

4 Análise de caso

O caso específico a ser analisado neste artigo é a veiculação de informações proferidas pela meteorologista Jennifer Delgado, no *The Weather Channel*, em 3 de outubro de 2016. O canal tem sede em Atlanta (Geórgia, Estados Unidos) e desde 1982 transmite previsões do tempo e notícias relacionadas ao clima. Para entender o fato, apresenta-se o contexto em que o discurso ocorreu seguido da transcrição⁴ do que foi ao ar.

No início do mês de outubro de 2016, o Haiti foi o país mais devastado pelo furacão Matthew, que chegou à categoria 5 na escala Saffir-Simpson. O evento natural atingiu também, embora com menor intensidade, outros países da América Central e a costa leste dos Estados Unidos. Antes mesmo do ocorrido, os noticiários já alertavam sobre a gravidade do furacão que estava se aproximando do continente. Quando finalmente Matthew atingiu a terra, o bombardeio de informações tomou conta dos televisores do mundo todo.

Em decorrência desta catástrofe, Jennifer Delgado fez a descrição dos mapas meteorológicos, na sequência da passagem do furacão *Matthew* pelo Haiti, e chamou a atenção para a cor marrom do país, referindo-se ao desmatamento e comparando-o com o verde da República Dominicana:

Veja a área da República Dominicana, você nota o que está diferente nesta imagem da NASA. Você vê tudo marrom aqui e verde no leste. Isso acontece porque essa área inteira vem sendo essencialmente desmatada. Eles derrubam e queimam as árvores, até mesmo as crianças têm tanta fome que, atualmente, elas comem árvores (Em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8eJk_6wW8U> Acesso em 10 dez. 2016).

⁴ Tradução nossa, a partir do vídeo no *Youtube* do *The Weather Channel* e dos sites que repercutiram o discurso aqui analisado



Figura 1: Jennifer Delgado ao vivo no *The Weather Channel*, em 03 de outubro de 2016.

Acredita-se que o discurso televisivo participa dos processos de constituição e produção de sentidos. Por isso, com base no referencial teórico exposto neste artigo, procura-se verificar os motivos que levaram este fato específico a se tornar notícia e como chegou ao público; como se deu o tratamento da informação em relação ao sujeito em foco (a criança haitiana) e qual a noção de identidade no discurso veiculado. De início, elencam-se os valores-notícia que levaram esse fato a ser selecionado pelos jornalistas e empresas.

Como valores-notícia substantivos há: morte, atualidade, calamidade, notabilidade e proximidade (entre o evento e a população que assiste o canal). Entre os conceituais destacam-se a visualidade – no que se refere ao mapa meteorológico bem delineado para a exibição na televisão – e o dia noticioso, já que o evento rendeu muitas informações para várias edições do boletim. Quanto aos valores-notícia de construção, caracteriza-se o formato da informação veiculada pela sua simplificação – a transmissão é praticamente didática para fácil entendimento – amplificação, relevância, dramatização e personalização – ao citar a criança haitiana, os telespectadores se interessam e reagem mais empaticamente ao acontecimento. Além disso, houve consonância com outras notícias.

Faz sentido então pensar que o caso da passagem do furacão *Matthew* reuniu uma série de critérios de noticiabilidade que ecoaram como um acontecimento digno de cobertura em escala global. Ao relacionar os sentidos produzidos no caso da cobertura do furacão Matthew e a agenda midiática, pode-se indagar: quando a criança haitiana é notícia? Verifica-se que a mensagem chegou ao público carregada de significados comuns à cultura hegemônica moderna. Portanto, a resposta, baseada neste caso

específico é: a criança haitiana é notícia quando um evento de grande magnitude atinge seu país e a deixa com ainda mais escassez de recursos básicos para sobreviver. E mais, quando ela “ajuda” a dramatizar um acontecimento ao se tornar órfã, ao ser colocada como representação da pobreza extrema.

Dois dias depois do comentário da apresentadora – em 5 de outubro de 2016 –, em virtude da má repercussão, ela pediu desculpas através de sua página no *Facebook* e também durante o boletim meteorológico. Um abaixo assinado *online*⁵ está em andamento e há inúmeros comentários de reprovação nas redes sociais. Segue a transcrição traduzida do pedido de desculpas:

Quero começar por pedir desculpas por um comentário que fiz e que foi considerado inapropriado. A minha intenção é sempre informar e educar. Queria destacar as difíceis condições que os haitianos enfrentam por causa do furacão Matthew. Sei que o desmatamento no Haiti se deve ao abate de árvores para a fonte combustível. Peço sinceras desculpas a quem possa ter ofendido. (Em: <<http://wlrn.org/post/weather-channel-meteorologist-apologizes-haitian-children-eat-trees-comment>> Acesso em: 18 abr. 2017).

O *The Weather Channel* também divulgou uma declaração:

The Weather Channel lamenta os comentários de Jennifer Delgado feitas no ar segunda-feira a respeito do desmatamento no Haiti. Jennifer não tinha a intenção de ofender a comunidade haitiana ao se pronunciar inadequadamente. Ela esclareceu seus comentários ontem no ar. The Weather Channel se dedicou a cobrir os impactos do furacão Matthew sobre o Haiti e continuará a centrar-se na tempestade. (Em: <<http://radiotv.talk.blog.ajc.com/2016/10/05/weather-channels-jen-delgado-apologizes-for-saying-starving-haiti-kids-eat-the-trees/>> Acesso em: 18 abr. 2017)

O ex-primeiro-ministro do Haiti, Laurent Lamothe também publicou sua opinião no *Facebook*: “Você devia se envergonhar!! Jennifer Delgado e #Weather #Channel, profundamente perturbado por seu comentário de que as crianças haitianas estão comendo árvores! Onde você conseguiu essa #info?” (Em: <<http://globalnews.ca/news/2984480/hurricane-matthew-weather-channel-anchor-apologizes-for-suggesting-haitian-children-eat-trees-causing-deforestation/>> Acesso em 19 abr. 2017).

A grande visualização e repercussão do acontecimento e dos comentários de Jennifer Delgado só foi possível pelo encurtamento do espaço-tempo, característico da modernidade. O avanço das telecomunicações permite que as informações cheguem via satélite para todos os continentes. Sem sequer ter ido ao Haiti, é possível se interessar pelo ocorrido na região e ter ideia da noção de identidade nacional da população. Na recepção, ocorre também o jogo de identidades da qual fala Hall (2006), visto que, quem assistiu a transmissão ora se viu como haitiano, embora não seja criança, ora se

5 Disponível em: <https://www.change.org/p/petition-to-fire-meteorologist-jennifer-delgado-from-the-weather-channel>

identificou com a população negra, embora tenha outra origem étnica. Por vezes, reconheceu-se como pai/mãe e se colocou no lugar do outro. Pode ser que o reconhecimento do sujeito/público seja por ele também se considerar negligenciado pelos meios de comunicação de massa, assim como a criança foi nesta situação.

Neste caso específico, as crianças haitianas juntam-se às demais minorias citadas por Muleiro (2006) no que diz respeito aos assuntos e sujeitos posicionados à margem da agenda midiática. Aqui, prioriza-se em Bauman o conceito de subclasse e o relaciona à criança haitiana como participante deste grupo caracterizado por não ter sequer direito à identidade. Qual a identidade dela? Outra associação possível que não a ausência, seria a de uma identidade unificada, a qual incluiria a infância como um todo sem considerar nenhuma característica peculiar como posição social, idade e cultura.

5 Conclusão

Para concluir esta reflexão, expõe-se alguns apontamentos a propósito da cobertura da mídia internacional sobre a situação de calamidade que o Haiti enfrenta após a passagem do furacão Matthew. A começar, não há dúvidas de que os comentários veiculados por Jennifer Delgado contribuem negativamente para consolidar o estigma das crianças empobrecidas deste país caribenho.

Conforme demonstrado na análise das informações veiculadas pelo *The Weather Channel*, é possível notar que mesmo com todos os avanços sociais e tecnológicos da sociedade moderna, as crianças continuam sem espaço adequado nos meios de comunicação. Elas aparecem somente pelo olhar adulto, sem chance de se manifestarem enquanto pessoas plenas, com autonomia para expressarem sentimentos, desejos, limites e superações. As crianças são colocadas em um mesmo núcleo identitário (o da infância sem poder de representação autônoma), principalmente as que não fazem parte da cultura branca hegemônica. A vida negra quase nunca chega tem valor na grande mídia.

O caso analisado mostra ainda a falta de conhecimento sobre o país e empatia com a população. O trabalho do jornalista ou de qualquer outro profissional que esteja nos meios de comunicação precisa ser intenso e humano desde a pauta programada até o comentário ao vivo em rede nacional ou internacional.

Basta procurar em sites confiáveis que se têm informações corretas como a de que as árvores são derrubadas para a fabricação de carvão e que não são digeridas pelo sistema digestivo humano. Portanto, a ironia utilizada tem cunho ofensivo. Lá, o solo é

praticamente infértil, provocando desertificação em quase todo o território haitiano, onde as chuvas causam inundações. A falta de manejo sustentável por parte das madeiras e a incapacidade do solo de se fazer o reflorestamento são argumentos mais apropriados para noticiar os motivos pelos quais o Haiti é um país altamente vulnerável às catástrofes naturais.

Enfim, há inúmeras temáticas que deveriam ser abordadas pela grande mídia ao invés de dizer uma inverdade. O discurso certamente é preconceituoso e revela a falta de preparo dos profissionais e das empresas para lidar com a infância. Isso porque com o pedido de desculpas da própria empresa fica claro que jornalista e meio compactuam do mesmo pensamento excludente. A representação da identidade nacional da criança haitiana foi completamente pejorativa e cabe aos detentores dos meios e profissionais a escolha da abordagem do sujeito, que irá contribuir positiva ou negativamente para a construção das identidades.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Children in Haiti eat trees – Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=U8eJk_6wW8U> Acesso em: 10 dez. 2016.

FRISK, Adam. Hurricane Matthew: Wheeler Channel anchor apologizes for suggesting Haitian children “eat trees”, causing deforestation. Disponível em <<http://globalnews.ca/news/2984480/hurricane-matthew-weather-channel-anchor-apologizes-for-suggesting-haitian-children-eat-trees-causing-deforestation/>> Acesso em: 19 abr. 2017.

GREEN, Nadege. Weather Channel meteorologista apologizes for haitian children “eat trees” comment. Disponível em: <<http://wlrn.org/post/weather-channel-meteorologist-apologizes-haitian-children-eat-trees-comment>> Acesso em: 18 abr. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HO, Rodney. Weather Channel’s Jen Delgado apologizes for saying starving Haitian kids ‘eat the trees’ Disponível em: <<http://radiotvwalk.blog.ajc.com/2016/10/05/weather-channels-jen-delgado-apologizes-for-saying-starving-haiti-kids-eat-the-trees/>> Acesso em: 18 abr. 2017.

MULEIRO, Hugo. **Al margen de la agenda: noticias, discriminación y exclusión**. 1a ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. In: **Estudos de em jornalismo e mídia. Os relatos jornalísticos**. Florianópolis: Posjor – UFSC, v. 1, n. 2 (2004). Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>> Acesso em 21 dez. 2016.

The Weather Channel – Disponível em: <<https://weather.com/>> Acesso em 10 dez. 2016.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. **Florianópolis: Insular, volume II, 2013.**